 Tempo de leitura: 4 min.

Cinquenta quilômetros por dia, a pé, para chegar a um vilarejo aonde ninguém mais chegava. Essa é a imagem que, mais do que qualquer outra, acompanha a memória de Dom Orestes Marengo, bispo salesiano e missionário no nordeste da Índia. Em 24 de outubro de 2026, o Papa Leão XIV autorizou o Dicastério para as Causas dos Santos a promulgar o decreto sobre suas virtudes heroicas: o Servo de Deus é agora Venerável.

Uma etapa, ainda não a chegada

O reconhecimento das virtudes heroicas é uma etapa fundamental no caminho rumo aos altares. A análise aprofundada da vida, das obras e da prática das virtudes cristãs de Marengo foi concluída com resultado positivo. Para a beatificação, será necessário agora examinar e reconhecer formalmente um milagre atribuído à sua intercessão.

Das Langhe até o Assam

Orestes Marengo nasceu em Diano d’Alba, na província de Cuneo, em 29 de agosto de 1906. Descobriu sua vocação entre os salesianos de Valdocco e, em 1923, com apenas 17 anos, partiu como missionário para Assam, no nordeste da Índia. Foi ordenado sacerdote em 1932 e dedicou toda a vida à evangelização itinerante das populações locais: Adivasi, Garo, Khasi, Boro e Naga.

Seu instrumento de trabalho eram os pés. Percorria até 50 quilômetros por dia para chegar aos vilarejos mais remotos e, por isso, ficou conhecido como o «caminhante de Deus». Mas, por trás daquele esforço, não havia mera teimosia humana nem um espírito filantrópico genérico. Havia uma união íntima com o Senhor: Marengo caminhava para unir as pessoas e as comunidades a Cristo, convencido de que só permanecendo unidos a Ele a missão poderia dar frutos duradouros.

Bispo, sem apego ao cargo

Em 1951, tornou-se o primeiro bispo de Dibrugarh; em 1964, passou a ser bispo de Tezpur e, depois, em 1973, administrador apostólico de Tura. Não buscava impor um modelo ocidental nem um modelo próprio: trabalhava incansavelmente para que surgissem escolas, dispensários e paróquias, e para que as comunidades também se tornassem protagonistas da missão. Aprendeu os dialetos e as línguas locais e promoveu o desenvolvimento social, educacional e da saúde, respeitando as identidades tradicionais.

O gesto que mais o define aconteceu em Tura, em 1978. Marengo renunciou ao cargo de administrador apostólico para favorecer a nomeação do primeiro bispo local. Não voltou à Itália nem se aposentou: já com mais de setenta anos, permaneceu como simples vice-pároco, a serviço daqueles que haviam sido seus sacerdotes. Morreu em Tura, em 30 de julho de 1998. Foi uma demonstração, na prática, de que a obra da missão pertence a Cristo e de que a unidade vem antes do próprio cargo hierárquico.

«Um em Cristo, unidos na missão»

O nordeste da Índia, a antiga região de Assam, sempre foi um mosaico de etnias, línguas e tradições, marcado por fortes tensões internas. Dom Marengo não fazia distinções: aproximava-se com o mesmo amor e respeito de povos historicamente distantes ou rivais e, levando o Evangelho a cada um deles, reunia-os em torno da mesma mesa da Eucaristia. Mostrou que a identidade de ser «um em Cristo» é mais forte do que qualquer divisão cultural ou linguística, lançando as bases de comunidades coesas e em paz.

Não é por acaso que sua figura esteja em sintonia com o tema escolhido pelo Papa Leão XIV para o Dia Mundial das Missões de 2026: «Um em Cristo, unidos na missão». Embora tenha vivido no século passado, Marengo antecipou seus dois pilares: a profunda comunhão em Cristo e a união de esforços no anúncio do Evangelho.

Três lições para hoje. O novo Venerável deixa à Igreja e à sociedade

contemporânea pelo menos três ensinamentos: **a cultura do encontro**. Antecipando a ideia de uma «Igreja em saída», buscou o encontro pessoal e cotidiano com as periferias geográficas e existenciais; **dar um passo atrás**. Na contramão das lógicas de poder e de carreira, cedeu a condução das dioceses ao clero local, valorizando a autonomia das comunidades indígenas; **o diálogo interétnico**. Em um território fragmentado, tornou-se construtor de pontes, estudando as línguas dos povos a quem servia e promovendo seu desenvolvimento com respeito às suas identidades.

Por que isso nos diz respeito. Pode parecer distante a história de um jovem piemontês que partiu em 1923, aos 17 anos, para uma terra longínqua e desconhecida. Na verdade, as perguntas que Marengo nos faz são surpreendentemente atuais. O que significa realmente ir ao encontro dos outros, e não apenas falar a respeito das periferias? Como exercer a autoridade sem tratá-la como posse? Como construir a unidade em um mundo marcado por identidades opostas, sem apagar as diferenças? Sua resposta não está nas estratégias, mas em um modo de agir: a fidelidade cotidiana, a paciência de aprender uma língua, o esforço de percorrer mais uma vez uma trilha. E, em certo momento, a liberdade de ceder o lugar a quem vem depois, sabendo que a missão não é propriedade pessoal, mas um dom a ser cuidado em conjunto.

Um trabalho coletivo entre a Itália e a Índia

O reconhecimento da venerabilidade é fruto de uma colaboração internacional. Participaram desse trabalho a Postulação Geral Salesiana, dirigida pelo P. Pierluigi Cameroni, que acompanhou o processo em Roma e a elaboração da Positio, redigida pelo Dr. Mateus Penati; a Diocese de Tura, na Índia, guardiã dos restos mortais, juntamente com os centros de pesquisa histórica de Shillong; a Diocese de Alba e a comunidade de Diano d’Alba, terra natal de Marengo, unidas em um Grupo de Oração que preserva seu legado espiritual e promoveu com paixão sua Causa de Beatificação. Das colinas de Diano às trilhas de Assam, o «caminhante de Deus» agora tem mais um título. Mas aquilo que deixa à Igreja permanece o mesmo de sempre: o caminho se faz a pé, juntos e a partir de Cristo.

1. *Pierluigi Cameroni, sdb*

Diretor da Obra Salesiana Sagrado Coração – Bolonha